

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 85 — Domingo, 23 de Janeiro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Há muita marca de vinho...  
Há muitos vinhos de mesa...  
Mas os vinhos CASALINHO  
São um símbolo de pureza!...

PEDIDOS A:  
SANTOS STOCKLER  
Apartado 70 • Telef. 739 • FARO

AVENÇA

## TRÊS BREVES ENTREVISTAS SOBRE

### A DRAGAGEM DA BARRA DO GUADIANA

O ESTADO lastimoso a que chegou a barra do Guadiana, por falta de dragagem conveniente, constitui um problema da maior gravidade, a que temos dedicado a maior atenção.

É um problema grave, porque dele depende o futuro do porto de Vila Real de Santo António. Grave, porque ameaça seriamente os rendimentos da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, que (embora pareça não se aperceber disso) tem no nosso porto a sua maior e mais importante fonte de receita. Grave, ainda, porque está a prejudicar seriamente a economia não só desta região, como de todo o Algarve e do Baixo Alentejo. Grave, finalmente, porque põe em causa o prestígio da Nação — circunstância que, só por si, atribui responsabilidades especiais às entidades a quem o assunto diz respeito.

Em seguimento do que já temos dito nestas colunas, a propósito de tão momentoso assunto, transmitiremos hoje aos nossos leitores o que sobre ele

nos disseram um exportador, um oficial da marinha mercante (que há cerca de trinta anos visita o nosso porto, regularmente), e um «homem da rua», cujos comentários, no seu anonimato, de certo modo traduzem aquilo que vulgarmente se designa por «opinião pública».

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



## A CULTURA E A COLECTIVIDADE

### CONFERÊNCIAS E CONFERENCISTAS

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

VIMOS, no nosso último artigo, algumas generalidades sobre cultura e Comissões Culturais. Vamos hoje insistir no mesmo assunto, repitando os pontos de maior importância no campo da aplicação prática.

Antes de mais, é forçoso dizer-se que um dos inúmeros erros do nosso tempo tem origem no snobismo duma sociedade que, a priori, se curva reverente e avassalada ante qualquer indivíduo portador dum canudo, passado por qualquer escola de ensino superior!

Ora, esse papel, com «latínório» ou sem «latínório», não garante a existência duma cultura sólida da parte do seu possuidor. Nem cultura nem mentalidade. Quando muito, representa noites perdidas de volta da sebeta, uma certa força de

pontade, memória, alguns meios e... uma apreciável dose de realismo quanto ao futuro! Mas, até prova em contrário, não nos diz mais nada.

Por cultura compreende-se uma ideia geral dos problemas da vida; ideia essa que se nutre, portanto, mais do saber enciclopédico do que da ciência das sebetas ou das preleções monótonas do catedrático, repetindo à pressa os itálicos duns quantos tratados que passou pelos olhos.

Com isto, não pretendemos diminuir ninguém. Apenas queremos vincar que um curso tem o seu valor intrínseco no campo profissional e só é susceptível de fornecer elementos nos acanhados limites da profissão — elementos secos, despidos de poesia, sem interesse para os curiosos, a menos que sejam fornecidos com graça, leveza e sentido de oportunidade. Esta maneira de impingir matérias científicas é uma arte, segredo de certos divulgadores que, às vezes, nem são ilustres, nem são sábios. É o caso de certos espíritos enciclopédicos, conhecedores das dificuldades do auditorio através das dificuldades próprias, que sabem vestir as questões com acessórios interessantes e sem as complicar.

Conclusão: O conferencista de sessões culturais não é forçoso seja um cientista afamado, envolto nos títulos das academias, no prestígio justamente ganho e na longa bibliografia publicada. Uma conferência para o povo não exige tanto aparato, tanto saber especializado, tanta elevação que... só prejudica a sobriedade do pouco que, culturalmente, se deve pretender.

Geralmente, o sábio, quando apenas sábio, transforma-se em elemento imprescindível nas reuniões científicas, mas revela-se uma nulidade no campo pedagógico. Além de péssimo professor, torna-se um incapaz para as grandes generalizações ou para as simples sínteses — já por certa deficiência cultural (que não auxilia a exposição); já porque a clausura no estudo persistente e sistemático o afastou das massas e, por conseguinte, dos anseios e necessidades destas.

Dat o motivo por que ainda há pouco tempo dizia que, na organização duma conferência de divulgação científica, inte-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## LUSITANOS E IBEROS

Pelo Major SOUSA NUNES

A PENÍNSULA hispânica encontrou-se ocupada por 2 povos de raças absolutamente diversas no século XX a. C., a dos Lusitanos e a dos Iberos.

Os lusitanos, de uma raça de navegadores que faziam o comércio de âmbar do Mar Báltico, eram um ramo da grande família dos lígures. Distinguiam-se pela sua estatura mediana, e a cabeça redonda; e pela cor trigueira da pele, cabelos e olhos castanhos.

Os Iberos eram oriundos da Ibéria, vasta planície da alta Ásia, compreendida entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, rodeada de grandes montanhas, os Montes Cáucásios ao norte, e a Arménia, ao Sul. Pertenciam a uma raça que fazia a transição da raça amarela para a raça ariana.

Em tempos muito remotos, vieram para a Europa, ocupando as ilhas do Mediterrâneo, e estendendo-se à Itália, à França e à Inglaterra, explorando jazigos metalíferos, principalmente de estanho.

Entrando na Península hispânica, ocuparam a região de um rio a que deram o seu nome — o Ibero — e hoje se chama Ebro. Em pouco tempo, consideraram toda a península sua, chamando-lhe Ibéria, em recordação da pátria de origem. (Teófilo Braga, História da literatura Portuguesa da Idade Média).

Successivamente, foram-se estendendo a toda a vertente hispânica que desagua no Mediterrâneo, até ao estreito de Gibraltar, ocupando totalmente as províncias de Aragão, Catalunha, Múrcia, Valência e Granada.

Os Lusitanos chegaram depois, entrando pelo norte, e apossando-

se do terreno disponível, que constituía a vertente, cujas águas se lançavam no Atlântico, — as províncias das Astúrias, Galiza, Leão, Trás-os-Montes, Minho, Estremadura espanhola e a portuguesa, o Alentejo, Algarve, a Andaluzia e as duas Castelas, estabelecendo a sua capital em Mérida, (na Estremadura espanhola).

Os Iberos não eram incompatíveis com os Lusitanos, contando que se misturassem com eles, formando um único povo ibérico, o que os nossos nunca consentiram, preferindo deixar-se comprimir para ocidente.

Outros povos foram chegando a Espanha — os Fenícios, no século XVI a. C.. No século VIII, che-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

## Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

### Poesia

Julgam que a poesia pode ser construída apenas com palavras? Enganam-se. E que a poesia não é para uso quotidiano? Também se enganam. Sei de um poeta que tem em casa um poema assim: uma pequena bilha de barro à qual ajustou uma lâmpada. Feliz bilha esta! Mata-a primeiro a sede de água; agora, mata a sede de luz. Pois não é um poema? É. Um poema, este sim, com «meia dúzia de leitores fiéis».

### Literatura

Não sei se os leitores já viram aquela página literária de um jornal português, colaborada, em grande parte, por nomes estrangeiros. For-mi-dá-vel!! O nacionalismo de alguns está reservado para discursos de cerimónia. Para as páginas de dentro não conta.

Uma pessoa fica desanimada, e vejamos lá se não tem razão: querem por força convencer-nos de que só os estrangeiros percebem daquilo. O que, é bem de ver, não corresponde à verdade. Simplesmente, é «chic», como dizia o Dámaso, «chic a valer».

### Um velho problema

O recurso à violência, na educação, provou ser inoperante e, ainda mais, perigoso.

Relações baseadas em «argumentos» que vão desde a palmatória aos mais aperfeiçoados instrumentos de castigo corporal, podem levar os educandos a um estado de passividade que observações superficiais confundirão com disciplina, equilíbrio, voluntária aceitação e concordância com as regras enunciadas pelo educador.

O que não corresponde à verdade. Trata-se, apenas, de uma atitude instintiva de defesa da personalidade, que, sentindo-se ainda sem forças para se impor, intenta passar despercebida.

Um educador que use semelhantes processos priva-se de assistir ao mais belo espectáculo da paisagem humana: o florescimento da personalidade.

### Duas frases

Esta amorosa, poderosa flor que se chama paz. Deixemos que ela floresça na nossa alma, na nossa boca, nas nossas mãos.

### Lição

É preto e branco e chama-se «Farrusco»; chama-se, não: chamam-no. Pois sim, chamam-no, mas ele não vem. Pode ficar uma tarde inteira à entrada do jardim, uma tarde inteira a ver o prato cheio de carne à porta da cozinha, uma tarde inteira a estoirar de fome, lentamente — mas não se aproxima. Uma tarde, entrou em visita de exploração. Fecharam-lhe a por-

## NO 20.º ANIVERSÁRIO DA CÂMARA CORPORATIVA

FRUTO da reconhecida insuficiência da representação política individualista, o movimento corporativo moderno começa a esboçar-se nos princípios do século XIX, como reacção contra esse sistema de representação que já não satisfazia cabalmente as necessidades colectivas geradas pela evolução social. Era, pois, necessário substituir o ultrapassado sistema por estoutro, em que os vários interesses e valores sociais encontrassem mais adequada satisfação e representação. O movimento desencadeia-se assim à sombra duma nova concepção dos valores sociais, infiltrando-se em vários países que o consagram e lhe dão expressão, segundo moldes adequados ao condicionalismo particular em cada um.

Neste movimento de reacção se filia o nosso sistema político, baseado num corporativismo integral e assente na subordinação de todas as actividades administrativas, morais, culturais e económicas ao bem comum, tendo como sustentáculos do sistema a Câmara Corporativa e a Assembleia Nacional.

Foi para comemorar o 20.º aniversário da Câmara Corporativa, que ela se reuniu em sessão plenária, no passado dia 10. Aí se

## A C. P. E O ALGARVE

### É ISTO PROGRESSO?

EM 4 de Junho de 1925, foi inaugurado o primeiro comboio rápido entre Lisboa e Vila Real de Santo António. Ainda temos nos ouvidos o eco dos foguetes e dos discursos, em que a palavra «progresso» entrava prodigamente.

Nesse tempo — há trinta anos — aquele «rápido» partia desta vila às 14,50 horas, para atingir a capital às 21,30, ou seja, um percurso de 7 horas. Hoje, é o que se

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

salientou, através das alocações vibrantes de alguns dos seus membros, o seu alto significado na vida do agregado nacional e o papel que desempenha como fulcro do sistema corporativo consagrado na nossa Constituição Política.

A ideia da representação profissionalista e corporativa não se pode considerar ultrapassada, e a sua actualidade mostra-se bem viva e patente na «ânsia de ideal corporativo que brota espontaneamente em alguns sectores das actividades nacionais», como justamente salientou um dos oradores da sessão. Apenas se verifica um período de estabilização na marcha do sistema, para a solução do qual se considera necessária a instauração de corporações, garantia da «formação e desenvolvimento da consciência corporativa».

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## ACTIVIDADES DA JUNTA DE FREGUESIA

### ASSISTÊNCIA à mendicidade local

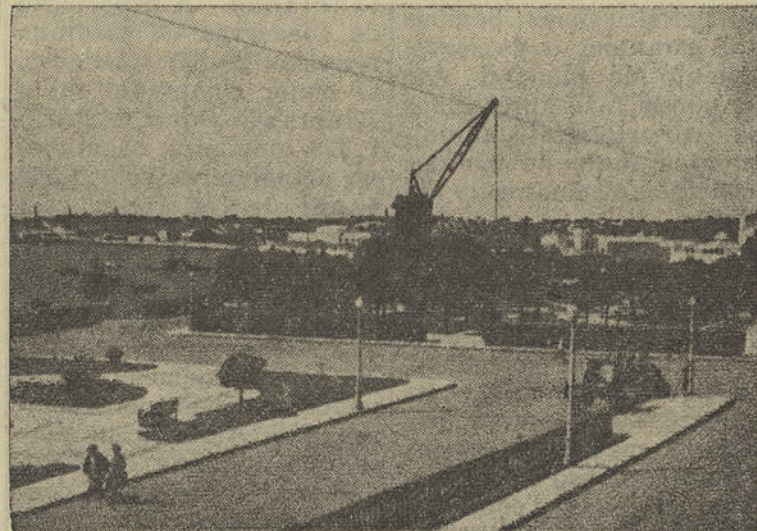
DENTRO do seu novo plano, tendo em efectivo desenvolvimento e melhor coordenação da assistência aos necessitados desta vila e de Monte Gordo, intenta a nova direcção da Junta de Freguesia aumentar o número de beneficiários do Refeitório de Indigentes e, se possível, fornecer pequenos subsídios semanais aos mesmos, para outras necessidades instantes. Será este o primeiro passo para conseguir-se terminar definitivamente com o triste estendal de pedintes às portas, proporcionando o possível conforto aos que realmente careçam.

Além das contribuições dos sócios anteriores, a Junta conta já com o apoio das autoridades concelhias e da Comissão Municipal de Assistência para a efectivação do seu novo plano.

Actualmente, têm-se estado a distribuir 90 almoços diários e 50 jantares, mas, para ampliar este auxílio, necessita-se de novos subscritores, e bem assim, que os existentes decidam também elevar um pouco as suas quotas mensais, a partir de Março, próximo.

Neste sentido, vão ser expedidas circulares a todos os que têm possibilidades de prestar o seu concurso financeiro a esta meritória obra, que a Junta de Freguesia empreendeu, a favor dos que sofrem as agruras da miséria e da velhice sem amparo.

Oxalá que os resultados deste apelo venham corresponder às louváveis intenções que animam a Comissão e aos esforços dispendidos a bem dos pobres locais e da dignidade social e cristã da nossa terra!



## A CIDADE DE PORTIMÃO

### O ANACRONISMO

Por MARGOS ALGARVE

II

TENHO pelo passado um respeito que se aproxima da razão, não da razão ocasional e patética dos fanáticos, mas da razão serena e consciente dos artistas e dos pensadores. Os fanáticos, por ódio ou por servilismo, descem a torpezas impróprias de homens civilizados; os artistas e os pensadores, não.

Entre os primeiros e os últimos, como entre os rios e os mares, existe uma diferença profunda. O fanático só encara a vida através do prisma limitado da sua fé; o artista sente a vida através da sua sensibilidade e da liberdade que comanda os seus pensamentos. São almas inimigas, trilhando veredas opostas.

O anacronismo vem de tempos longínquos na literatura, na pintura, na política e na religião.

Na Idade Média encontram-se anacronismos de toda a ordem. Em um manuscrito da guerra de Troia, destaca-se uma miniatura que representa os funerais de Heitor: pois o seu féretro está colocado numa igreja gótica, e em cima dele figuram braços.

Houve pinturas em que o menino Jesus aparecia a aprender a

ler em livros de ofícios. A arte cristã primitiva está cheia de anacronismos. O Cristo, a Virgem, os patriarcas e os apóstolos com vestimentas ideais, e as figuras acessórias do quadro com a indumentária do tempo e da nação do

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## MOVIMENTO DO NOSSO PORTO COMERCIAL

### DURANTE O ANO DE 1954

NADA como os gráficos estatísticos e os números, para nos fornecerem uma ideia rápida e exacta dos valores económicos duma terra e a conseqüente importância que ela assume, dentro do quadro geral da economia da Nação.

No intuito de fornecer-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta vila, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa redacção, o nosso prezado assinante, sr. Alberto de Sousa Oliveira, funcionário superior do I. P. C. P., residente em Lisboa.

De visita a sua família, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Francisco Vieira Tenório, residente em Sevilha.

Com pouca demora, esteve nesta vila, acompanhado de seu filho sr. João Ricardo, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Teófilo Rita Néné, residente em Lisboa.

Esteve nesta vila o nosso prezado assinante, sr. João Faustino, residente em Lisboa.

### Doentes

Já se encontram, felizmente, restabelecidos das suas enfermidades os nossos prezados amigos e assinantes, srs. João Ribeiro Barbosa e José Madeira Mendes Martins.

Ambos agradecem, por este meio, a todas as pessoas que tiveram a gentileza de se interessarem pelas suas melhoras.

### Casamento

No passado dia 15 do corrente, realizou-se, na igreja de S. Pedro, no Chinde (Moçambique), a cerimónia do casamento da sr.<sup>a</sup> D. Lisete Pina Duarte, filha do sr. A. Varo Duarte e da sr.<sup>a</sup> D. Salvina Pina Duarte, já falecidos, e irmã do sr. A. Varo Pina Duarte, nosso prezado assinante naquela cidade, com o sr. António Mário Ruas Pedroso, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Antónia Ruas Pedroso e do sr. Diamantino Pedroso, residentes no Chinde.

Aos noivos, «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

## Espectáculo de Beneficência

**PROMOVIDO** pela Direcção da Liga Independente Católica Feminina, realiza-se na próxima terça-feira, dia 25 do corrente, um espectáculo cinematográfico no Cine-Foz, gentilmente cedido para este fim, e cujo produto é destinado aos pobres da nossa vila.

Bem hajam as senhoras que para tal fim têm sido sempre incansáveis, a bem dos que precisam.

ta e o «Farrusco», sentindo-se preso, até amarinhou nas paredes, enraibado.

Abomino as pessoas para quem o prato da sopa é o preço da sujeição. Por isso, admiro e gosto do «Farrusco». E acho que nisto de lições não fica mal aprendê-las, seja de quem for. Até de um gato.

### Valsa

Outra vez a moda das valsas? Sim, minha avó, um dia voltará a moda das valsas. Harmoniosas, suaves, ao compasso da vida. A hora monstruosa com seus ginetes loucos o «swing», o «mambo», o «fox» — não mede, avó, a eternidade, E' apenas uma hora. E uma hora, por muito dolorosa, não me consta que possa ser mais do que uma hora. Não desespere... A valsa que morreu com os teus cabelos brancos renascerá ao compasso da vida. Renascerá com a vida.

### Felicidade, Beleza, Trigo

Os dedos finos da chuva deslham na água do charco. Que bela melodia sobre do improvisado piano! Ora febril, ora lenta. Rápida, dedos correndo o teclado, de ponta a ponta; pensativa, amorfecendo na mesma nota, prolongando-a. Mas, que prazer o da chuva, o prazer visível que lhe dá este concerto ao ar livre!

«Amiga — diz-me quando vou entrevistá-la — pois como não hei-de estar feliz? Em primeiro lugar, estou viva. E digam lá o que disserem, viver é o melhor. E depois...»

Pausa preenchida por um sorriso de inefável felicidade. «Depois — acrescentei eu — depois, está semeando beleza... E'?» — Não, não — tornou — Depois, estou semeando trigo.

Marla Manuela Nunes

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

**A pesca eléctrica** No Instituto de Investigações Piscícolas de Hamburgo, estão a fazer-se experiências com um aparelho eléctrico destinado à pesca, e o físico alemão Kreutzer inventou já um aparelho portátil para amadores, que utiliza a corrente de uma bateria. Este malfadado engenho, designado pelo nome de «Samo-Super», pode «liquidar» um rio de trutas, numa extensão de seis quilómetros, apenas em meio dia. Os especialistas do Instituto de Hamburgo estão estudando agora as aplicações industriais deste processo, e sabe-se que os russos já utilizam na pesca a corrente eléctrica.

Por meio da electricidade, podem-se paralisar no mar os arenques, num raio de doze metros em torno da fonte da corrente, e as pescadas num raio de dezasseis metros.

Esta notícia, que à primeira vista parecerá animadora, consideramo-la alviçareira de um futuro sombrio, se os governos não providenciarem a tempo contra o seu emprego, pelo menos na faixa marítima reservada aos barcos costeiros. Por este processo, julgamos, em pouco tempo se exterminará a fauna ictica, que dá pão a milhões de pessoas da orla marítima de todos os países, e compromete-se até a alimentação da humanidade. Se bem que esta, pelo que os sábios nos vão revelando, tenha os seus dias contados, se chegar o trágico momento de se utilizarem as perfeitíssimas bombas que garantem o desaparecimento do planetal Até lá, porém, não apressemos o nosso extermínio, aniquilando a fonte de um dos principais alimentos do homem.

Não somos refractários aos progressos da pesca. Ahamos, mesmo, que não nos devemos circunscrever às artes que já possuímos; devemos acompanhar as inovações dos outros pescadores, mas daí a darmos o nosso aplauso a um processo aniquilador como parece ser esse malfadado aparelho eléctrico, vai a distância que medeia entre a vida e a morte.

**Rendimento do nosso porto** A receita do porto de Vila Real de Santo António, prevista no presente ano económico e destinada à Junta Autónoma dos Portos do Sotavento, é de 1.400.000\$, a mais elevada de todos os portos do Algarve e igual à estabelecida para o porto de Setúbal.

O imposto a pagar pela indústria de pesca de todo o País está previsto em 48.000 contos. Este número diz bem quanto representa para a economia da Nação a actividade piscatória.

**O ano piscatório** Não se pode dizer que tenha sido dos mais favoráveis o ano piscatório, no centro de Vila Real de Santo António. Pescou-se efectivamente, muita sardinha e boa, mas foram enormes as falhas registadas no biqueirão e também no atum. Apesar disso, o produto da pesca totalizou 34.538.788\$70, não contando o atum importado, cujo montante vai a alguns milhares de contos. Em 1953, as verbas totalizaram 36.235.508\$20, verificando-se que no ano findo se registou uma diferença, para menos, de 1.696.719\$50. Se aquelas espécies não tivessem falhado, o nosso centro acusaria este ano o maior valor de pesca de todos os tempos.

Em Julho, por exemplo, foi Vila Real de Santo António, depois de Lisboa, que maior rendimento de lota teve. Esse rendimento ascendeu a 7.716 contos, seguindo-se Leixões, com 7.708 contos, e Portimão, com 4.867 contos.

**Exportação de conservas** Também em Janeiro a Outubro, exportaram-se conservas de peixe no valor de 593.553 contos. O principal comprador de atum foi a Itália, que adquiriu 1.955 toneladas, seguindo-se a Venezuela, com 105 toneladas. A exportação de conservas de sardinha totalizou 29.847 toneladas. O maior comprador foi a Alemanha, que adquiriu 7.872 toneladas, seguindo-se a Inglaterra, com 6.552 toneladas, a Itália, com 2.841 toneladas, a Bélgica, com 1.953 toneladas, e os Estados Unidos, com 1.774 toneladas. No que respeita a anchovas, exportaram-se 2.374 toneladas, continuando como primeiro comprador a América do Norte, que adquiriu 1.708 toneladas. O segundo consumidor foi a Suíça, com 110 toneladas, seguindo-se o Brasil, com 78 toneladas, a Inglaterra, com 76 toneladas, e o Canadá, com 65 toneladas.

Também fizeram compras dignas de menção a Bélgica, Egipto, Israel e a Venezuela.

De conservas de produtos hortícolas, exportaram-se 2.493 toneladas, no valor de 18.329 contos. Fabricar-se-ão produtos hortícolas, nas nossas fábricas de conservas? — **J. B.**

## O CANTO DAS ONDAS

O marulhar das ondas nos rochedos  
Em força desmedida e inclemente,  
O eco do chapear nos rancos medos,  
É triste como a voz dum inocente!...

Seu canto, eterno canto, são segredos,  
Suspiros soluçantes de quem sente  
A força desumana dos penedos...  
São lágrimas vertidas tristemente:

— Bramindo sempre, em ais agonizantes,  
Igualam esses brados soluçantes  
À voz que me atormenta, sem cessar!

Pois esses ecos tristes, sufocantes,  
São quase as minhas lágrimas constantes,  
— Igualam bem a voz do meu chorar!...

J. S. SANTOS STOCKLER



## PROVINCIA

### VILA NOVA DE CAÇELA

#### Bodo aos pobres

Por iniciativa da sr.<sup>a</sup> D. Ilda Lopes Nunes, esposa do médico desta localidade, sr. dr. José Vascones, foram distribuídos, pelo Natal, jantares a 44 pobres, que constaram de 1 pão, 200 gramas de toucinho, massa, arroz, um repollo e 1\$00 em dinheiro.

Foram, ainda, distribuídas 15 mantas e 6 chales.

Contribuíram para a iniciativa as seguintes pessoas:

D. Ilda Lopes Nunes, 100\$00, D. Maria Isabel Madeira Reis, 22\$50, srs. José Rodrigues Faleiro, 20\$00, José Augusto Chagas, 5\$00, Manuel Rosa Mendes, 25\$00, Eugénio Rodrigues Madeira, 20\$00, D. Maria Martins Lopes, 15\$00, D. Adelaide Lopes Cavaco, 200\$00, srs. Jacinto Pereira Guerreiro, 5\$00, José Silva Trindade, 5\$00, D. Florinda Ferreira d'Oliveira, 15\$00, D. Lucrécia do Nascimento, 10\$00, D. Maria Santos Cabanas, 5\$00, D. Maria José Nobre, 10\$00, Moagem de Caçela, Lda., 50\$00, srs. Damião Silva Horta, 5\$00, Manuel Mateus Pereira, 15\$00, António Gonçalves Pereira, 15\$00, Benete Pereira, 5\$00, João Silva Conceição, 15\$00, D. Catarina Gomes, 20\$00, D. Carminha, 5\$00, srs. António Rodrigues Claudino, 7\$50, José Santos Cotovio, 5\$00, José Munhoz André, 5\$00, Manuel Cipriano, 10\$00, D. Judite Saraiva, 7\$50, D. Luísa Maldonado, 20\$00, srs. Manuel Guerreiro, 10\$00, Manuel Feliciano, 5\$00, Helderico Nascimento Pires, 50\$00, João Bernardino Pires, 30\$00, António Vicente, 10\$00, D. Lucinda da Conceição, 5\$00, D. Gracinda Tamiassa, 10\$00, D. Maria Martinho Miguel, 20\$00, D. Maria Gertrudes, 3\$50, D. Maria Adélia Machado, 5\$00, D. Amélia Augusta, 1\$00, D. Florinda Amália, 5\$00, sr. Manuel Sousa Vaz, 10\$00, D. Rita dos Santos, 1\$50, D. Almerinda dos Mártires, 5\$00, D. Maria Isabel Gil, 20\$00, D. Mariana Correia, 2\$50, D. Rosa Roque, 2\$50, D. Gabriela Sousa Rosa, 5\$00, D. Lúcia Campos, 10\$00, D. Maria Isabel Roldán Ramirez, 80\$00, D. Branca David, 4\$00, D. Maria Rosalia, 2\$50, srs. Quintino Sousa Marques, 20\$00, António Angélio, 15\$00, D. Laura da Conceição, 5\$00, D. Adélia do Carmo, 10\$00, D. Rita Madeira Pinto, 5\$00, D. Maria Rosa Laureano, 2\$50, srs. Contreiras Fernandes Neto, 5\$00, António Cabanas, 6\$00, Manuel Cristo, 20\$00 e Junta de Turismo de Vila Nova de Caçela, 81\$60.

Contribuíram, ainda, D. Maria Medeiros Bravo, 1 manta, D. Celeste Carrilho Medeiros, toucinho, grão e massa, família Augusto Pereira Neto, toucinho e grão, e D. Marlana Lapa, toucinho.

A receita foi de 910\$00 e a despesa de 909\$60. Bem hajam as almas generosas. — **e.**

## Falecimento

Faleceu em Lisboa, no dia 19 do corrente, o sr. Francisco Barrera Tenório, de 73 anos de idade, natural desta vila, e de profissão litógrafo.

O extinto era pai dos srs. Francisco de Sousa Barrera Tenório, José de Sousa Barrera Tenório e D. Laura de Sousa Barrera Tenório, e irmão das sr.<sup>as</sup> D. Amália e D. Maria Barrera Tenório e do nosso amigo, sr. Rafael Barrera Tenório, desta vila, aos quais apresentamos sentidas condolências.

## A. C. P. E O ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PAGINA)

vê: aquele delicioso elemento de comunicações velozes, que, para com prazer à C. P., nós vamos alcinhando de «rápido do Algarve» (agora alérgico às brisas do Guadiana), já consegue mostrar-nos as excelências do progresso, nesta era dos foguetões atómicos siderais, fazendo o mesmo trajeto em 8 horas e meia, isto é: *mais hora e meia* do que há trinta anos...  
Comentários, para que?

### LUZ DE TAVIRA

#### Casa do Povo de Luz

No passado domingo, dia 16, realizaram-se na Casa do Povo dois encontros desportivos entre a equipa da referida casa e a Associação Académica de Vila Real de Santo António.

Os encontros realizaram-se entre a maior camaradagem, tendo a equipa visitante levado a melhor impressão.

O 1.<sup>o</sup> encontro foi de Pingue-Pongue, tendo a equipa local ganhado por 3-0; era constituída por: Passos, Luz e Paula e a visitante, por: Queiroz, Ruivo e Pescada.

A equipa visitante ganhou alguns pontos, por intermédio de Agostinho Queiroz.

No jogo de Voleibol, também a equipa local levou a melhor, vencendo por 3-0. A mesma era constituída por: Paula, Parreira, Arnaldo, Diamantino, Marinheiro, Teixeira e Nuno; a equipa visitante por: Caldeira, José Armando, Salas, Agostinho, Ezequiel, Medel e Jara.

A equipa local mostrou boa coordenação de jogo e óptimo aspecto físico.

À noite, houve um animadíssimo baile em honra dos atletas visitantes. Durante este, subiram ao palco o presidente da Casa do Povo e o presidente da equipa visitante, onde trocaram galhardetes. Depois da entrega, o presidente da referida casa proferiu uma breve alocução. Em seguida, o capitão da equipa local agradeceu aos visitantes a sua deslocação e fez votos para que a juventude da Luz tomasse parte mais activa nos desportos. O presidente da Associação Académica agradeceu em nome dos desportistas visitantes, tendo terminado esta cerimónia com uma calorosa salva de palmas. — **e.**

## LUSITANOS E IBEROS

(CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PAGINA)

garam os gregos. Um e outro destes dois povos vieram para comerciar e aqui estabeleceram colónias. Os últimos estiveram em Lisboa, que diziam ter fundado no tempo de Ulisses.

Os Cartagineses vieram no século VIII, também, estabelecendo-se em Múrcia, que abandonaram no século VI, para acudirem à sua pátria em grande perigo.

Entretanto, chegaram os Celtas, que não vinham para comerciar mas para se estabelecerem com as mulheres e os filhos. Entraram pelo norte dos Pirinéus, no século VI a. C., e aceitaram dos Iberos o que os Lusitanos lhes recusaram, formando com eles uma liga chamada celtibérica, em que não havia vencidos nem vencedores.

Admite-se que nem todos os Iberos se caldearam com os Celtas, empurrando os Lusitanos mais para oeste, e instalando-se nas duas Castelas.

No século III a. C., voltaram os Cartagineses e desta vez com tentações de ficarem, a exemplo dos Celtas. Em oito anos conquistaram quase toda a região celtibérica. Quando cercavam, porém, Sagunto, aliada de Roma, esta interveio e as duas nações envolveram-se em grandes pejejas, em terras de Espanha, mas sempre longe da Lusitânia.

Vencidos os Cartagineses, Cipião dividiu a península em duas províncias: a Citerior, dos Pirinéus ao Ebro, e a Ulterior, deste rio ao Oceano. Entregou-as a dois proconsules e partiu para África. («História de Espanha», de Calleja Fernandez, pag. 28).

Os primeiros anos correram em paz, porque os celtiberos deixaram fazer tudo quanto os Romanos quiseram. Porém, quando tornaram extensivas as suas humilhações ao território lusitano, nunca mais houve paz na Lusitânia. A Andaluzia e a Estremadura, muitas léguas a leste e a sul da capi-

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 15 a 21 de Janeiro:

Entrado:

PALMELIAN, Inglês, de 1533 ton., de Lisboa, vazio.

Saído:

PALMELIAN, Inglês, para Liverpool, com alfarrobas e conservas.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 22 a 28 de Janeiro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito-Telefone 31.

## Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24  
MATOSINHOS

tal, foram um teatro de guerras permanentes, durante dezenas de anos. As revoltas dos Lusitanos contra os governadores eram constantes. Até ao ano de 150 a. C., sustentaram várias batalhas contra um invasor tão importuno, e à frente de um exército de 30.000 guerreiros enviaram ao governador Galba um embaixador lusitano a pedir uma paz razoável.

Galba recebeu-o muito bem, e ofereceu-lhe uma amizade sincera e uma paz muito honrosa.

Confiados na sua palavra, puseram-se os Lusitanos à sua disposição. Em seguida, Galba, valendo-se de mil astúcias, dividiu-os em vários grupos, e quando os apanhou separados e sem força para resistir, os fê-los desarmar e chacinar, resultando daquela ordem cruel mais de 20.000 vítimas.

Então um jovem caudilho, de nome Viriato, que escapou ao massacre, de alma generosa e elevados pensamentos, indignado de tal alevosia, pôs-se à frente de um novo exército, que reuniu, e recomeçou a guerra contra os Romanos, que ficavam sempre da pior parte. Vencendo-os em muitas batalhas, levou-os a firmar um tratado em que o Senado Romano o reconhecia como senhor do terreno reconquistado.

Viriato retirou-se, a descansar de 14 anos de lutas ferozes, em que tanto abateu o orgulho romano. Fiado no seu tratado, foi surpreendido pelo cônsul Quinto Servílio Cepião e teve de retirar-se apressadamente aos Montes Herminios, na Serra da Estrela, e dali mandou três oficiais do seu exército a informar-se das intenções do general romano. Estes, em vez de cumprirem as ordens do seu chefe, deixaram-se seduzir pelas promessas do estrangeiro, assassinando Viriato, enquanto dormia.

Plenamente vencedores pela tralça, nenhum romano pode esquecer as humilhações que os Lusitanos lhe fizeram passar, operando várias divisões do terreno; umas vezes fixando-lhe os limites entre o mar Cantábrico e o Tejo, outras vezes entre este rio e o Algarve, mas nunca se referindo às suas fronteiras a leste. Por fim, apagaram o nome de Lusitânia e escreveram o de Portugal.

Nós todos, os que mais temos amesquinhado o antigo território lusitano, ainda lhe damos duas vezes a largura de Portugal! Todas as guerras até então se passaram fora do nosso território de hoje, e o único contacto que tivemos com estrangeiros, foi com os gregos.

Depois dos Romanos, vieram os Godos e também ficaram sem mistura. Quando os Visigodos foram invadidos pelos Árabes, a que Pelágio, com um grupo de bravos cavaleiros quiz procurar um ponto seguro, donde lhes pudesse fazer frente, foi em território da antiga Lusitânia que o encontrou.

Foi sobre o mesmo que retiraram do sul em sua procura. Foi com gente da antiga Lusitânia — Astúrias, Castela, Leão, Galiza e Portugal, que fundaram a primeira monarquia cristã.

Apenas 49 anos (711-750) depois de os filhos de Agar terem ousado assentar pé em terreno espanhol, entrava D. Afonso I de Leão, genro do grande D. Pelágio, à frente de um exército lusitano, em Loulé, que ainda o não era, dizendo — Laurus est — meus senhores, a pôr termo a uma disputa que se levantou entre alguns guerreiros, sobre um arbusto que verdejava sobre os velhos muros do castelo da branca pérola do sul, se era alfarrobeira ou loureiro.

Desde então, nunca mais deixou de estar a primeira vila algarvia e todo o reino do Algarve, com uma pequena parte do solo pátrio, ora cá, ora lá, até que, em Março de 1149, D. Afonso III soube libertar para sempre o pouco de tudo que nos pertencia de direito, havia XXVII séculos.

Sousa Nunes

## Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do  
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# DISTRITO ESCOLAR DE FARO

Findo o primeiro período da Campanha Nacional de Educação de Adultos, em 31-12-954, visto que o Decreto n.º 40.011 de 30-12-954, a prorrogação por mais dois anos, devemos fazer o balanço geral do Distrito.

Segue, por concelhos, o apanhado desses dois anos, já consagrados pelos frutos colhidos:

Concelho	Inscrições	Exames	Dinheiro recebido
Albufeira . . . . .	689	222	65.500\$00
Alcoutim . . . . .	842	250	100.500\$00
Aljezur . . . . .	80	9	4.000\$00
Alportel . . . . .	272	125	27.500\$00
Castro Marim . . . . .	236	79	32.500\$00
Faro . . . . .	1.104	397	145.000\$00
Lagos . . . . .	565	240	80.500\$00
Loulé . . . . .	287	128	25.000\$00
Loulé . . . . .	1.298	504	97.500\$00
Monchique . . . . .	457	129	46.500\$00
Olhão . . . . .	691	185	54.500\$00
Portimão . . . . .	689	184	57.500\$00
Silves . . . . .	1.390	512	105.000\$00
Tavira . . . . .	825	273	107.000\$00
Vila do Bispo . . . . .	350	109	30.500\$00
Vila Real de Santo António . . . . .	546	162	38.000\$00
Total . . . . .	10.326	3.306	1.017.500\$00

Estas pequenas notas dizem respeito à Campanha propriamente dita.

E, com 5.306 exames realizados com aprovação, apenas por 2055 os agentes de ensino quiseram receber a respectiva gratificação. Os restantes 1.271 foram gratuitamente.

Da importância indicada consta já o dinheiro a receber de Dezembro e cujas folhas estão já nos Serviços Centrais. Contudo, e para melhor elucidação, acrescentamos o resto dos exames de adultos realizados no mesmo período e dos quais os agentes de ensino apenas receberam o prémio do cumprimento do seu dever profissional e, certamente, o reconhecimento dos candidatos e de todos os que lhes reconhecerem o seu verdadeiro apostolado.

Total de exames de adultos:

Campanha propriamente dita . . . . .	5.306
Cursos de Adultos . . . . .	1.816
Propostos por si . . . . .	1.141
Total . . . . .	6.263

Não se incluem os 271 exames das escolas regenciais.

Além destes, há ainda os exames de crianças, que também sofreram a influência benéfica do Plano de Educação Popular, que, em boa hora, o Governo Português determinou a sua execução no qual o subsecretário de Estado da Educação Nacional, sr. dr. Veiga de Macedo, dedicou to-

do o seu profundo saber, o melhor do seu esforço e a clarividência do seu alto espírito.

### EXAMES DAS CRIANÇAS

Julho de 1953 . . . . .	7.768
» » 1954 . . . . .	8.885
Total . . . . .	16.653

Assim, aparece-nos o Distrito de Faro com a expressiva soma de exames realizados nos dois anos da Campanha, de 22.916.

Além deste total, houve ainda os que ficaram reprovados, num total de 405: — em adultos 182, e em crianças, 221.

Não envergonha o balanço apresentado e o Algarve felicita-se por ver o seu analfabetismo diminuído e possuir agentes de ensino à altura das suas aspirações.

O Algarve felicita-se, ainda, por verificar que soube corresponder ao apelo do Ministério da Educação Nacional, ocupando um lugar no País digno das suas tradições. Recordamos o 1.º lugar que ocupou, entre os outros distritos do continente e ilhas, durante uns três anos, em relação ao rendimento escolar anual das suas escolas e postos. Sabe que, ainda no ano findo, ocupa o 2.º lugar, por virtude do distrito de Santarém ter conseguido ultrapassá-lo.

Calcula que nos exames de Adultos o seu lugar não desafia no conjunto já indicado.

Com a mesma atitude, aperfeiçoada se possível for, iniciou o 2.º período da Campanha.

# CINE-POZ

Este cinema apresenta-nos, hoje, o filme português *Planície heróica*, com Augusto Figueiredo, Emilio Correia, Mariana Rios e João Iglésias. Entre momentos de ternura e emoção, cenas alegres que provocam gargalhadas.

Em complemento, um documentário colorido, *Despedida de Manuel dos Santos do México*.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Terça-feira, 25, o enternecedor filme *Seu grande mistério*, com Irene Dunne, Bárbara Bel Geddes, Oscar Homolka e Philip Dorn. Este filme conta-nos uma encantadora história de uma família, que descreve o segredo da sua felicidade na sublime mentira duma mulher.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 27, um sensacional programa duplo. *Gigantes em fúria*, em technicolor, com a sedutora Yvonne de Carlo e Rock Hudson. Uma espia insinuante joga a vida entre duas nações.

*Kon Tiki*, a história espantosa da maior expedição dos tempos modernos, onde 6 homens vivem uma aventura assombrosa.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

### QUEM PERDEU?

Encontra-se depositada, no Posto da G.N.R. desta vila, para ser entregue a quem provar pertencer-lhe, uma boina em estado de nova.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



FABRICA DE TINTAS  
EXCELSIOR

### TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —



# DESPORTO

## FUTEBOL

### CAMPEONATO DISTRITAL da 1.ª Divisão

S. L. e FARO, 1 — LUSITANO, 2

Campo de «S. Luís», Faro  
S. L. e Faro: Carlos; Cruz, Artur e Américo; Moreno e Ferreira; Ramires, Herculano, Virgolino, Sidónio e Viegas.

Lusitano: Balbino; Pescada, Sanna e Daniel; Natércio e Agostinho; Almeida, Travassos, Modesto, Estêvão e Parra.

Primeiro tempo: 2-0.

Marcadores: Almeida, pelo Lusitano, e Moreno, pelo S. L. e Faro, na transformação de grande penalidade.

Enquanto pôde contar com todos os seus elementos, o Lusitano actuou em plano superior ao adversário, tendo obtido nos primeiros quarenta e cinco minutos as duas bolas que lhe garantiriam o triunfo.

No segundo tempo, apresentando o resultado lhes seria adverso, enveredaram os farenenses pelo jogo violento, de que resultaram as expulsões simultâneas de Almeida, Natércio e Sanna.

Reduzidos a oito unidades, mercê da injustificada decisão do árbitro, viram-se os visitantes compelidos a defender o resultado favorável de dois tentos, que lhes garantiria o triunfo, tornando-se então notória a reacção dos farenenses.

Com a defesa bem organizada, o Lusitano apenas cedeu um tento, na marcação de grande penalidade, que o médio direito converteu.

A arbitragem, comodamente caseira.

J. C.

### Resultado dos outros jogos:

Silves-Louletano . . . . . 5-1  
C. F. Esperança-B. Esperança 8-0

### CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO . . . . .	9	7	2	—	38-12	16
Silves . . . . .	9	7	2	—	28-10	16
S. L. e Faro . . . . .	9	2	5	4	12-15	7
Louletano . . . . .	9	2	2	5	18-27	6
Esp. Lagos . . . . .	9	1	4	4	11-22	6
B. Esperança . . . . .	9	—	8	6	11-28	8

### Jogos para hoje:

LUSITANO - Silves  
Louletano-C. F. Esperança  
Boa Esperança-S. L. e Faro

### HOMENAGEM A João Vasques e a Almeida

No próximo domingo, dia 30 do corrente, terá lugar, no campo «Francisco Gomes Socorro», um desafio de futebol em benefício de Vasques e de Almeida, antigos componentes da equipa local que disputou o Nacional da I Divisão. Nele tomará parte uma equipa constituída por elementos barreirenenses, onde se destacam F. Silva, Ricardo Vale, Luis Vasques, Correia e Silvino, e a equipa do Lusitano, reforçada com alguns dos seus antigos elementos, como Caldeira, os manos Cavéns, Faustino, Helder e, provavelmente, Pedroto, Manero e Macedo.

Consta-nos que o simpático internacional algarvio, Fernando Cabrita, dará a sua valiosa contribuição, colaborando também nesta festa em benefício dos seus antigos adversários.

Herculano Valente

**Tinturaria Portuguesa**  
APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

### Carnaval de 1955

Serpentinas, confetis, máscaras, brinquedos, surpresas, artigos próprios para bailes, e fogos de artifício, próprios para Carnaval.

Aos melhores preços. Catálogo grátis com preços especiais para revendedores.

Dirijam-se ao armazém especializado nestes artigos, de António Torrão — Covilhã — Telefone 304.

Visado pela Comissão de Censura

# RELÓGIOS - RELÓGIOS

Hoje, amanhã e sempre

BOAS MARCAS E COM REPUTAÇÃO MUNDIAL

SÓ NA ANTIGA CASA

## RAMOS & MATEUS

R. Teófilo Braga - Vila Real de Santo António

# BOSQUEJOS

Carta de Sevilha. É realmente bonita esta Sevilha, com seus contrastes de luxo e de pobreza, sua abundância de monumentos e de flores.

Desde a Rua de Sierpes ao Bairro de Triana, há sempre que ver, que admirar e que sentir, quer nos desloquemos num roncero «travíia», o «eléctrico» sevilhano, transporte das classes pobres e por vezes das remediadas, e o melhor para quem quiser conhecer um pouco da alma do povo nas suas expressões sem fingimento, quer utilizemos um dos «taxis», com que por toda a parte topamos, fáceis de distinguir pela pintura amarela de que estão revestidos.

Vejamos a parte «rica» de Sevilha. Que tem o turista a chamar-lhe especialmente a atenção, quando chega, se recordar os contactos tomados através do cinema e dos jornais com a capital andaluza? A Catedral, a Giralda, o Bairro de Santa Cruz, o Alcazar, os museus e pouco mais. O monumental, o antigo e o artístico misturam-se e satisfazem os exigentes na matéria. A Catedral mostra-lhes a linha enorme e a um tempo magnífica, a sumptuosidade do seu tesouro e a harmonia das suas capelas e cúpulas. A Giralda, a torre alta e majestosa cuja perspectiva se obtém de quase todos os recantos da cidade, a torre que agrada ver de longe ou de perto e a que não podemos deixar de subir, apesar da maçada que isso representa. E vale sempre a pena subi-la, porque toda a Sevilha nos fica sob os olhos, e só de lá pode ver-se bem o fio extenso e prateado do Guadalquivir, entrecortado de pontes e coalhado de embarcações.

Passamos ao Bairro de Santa Cruz, onde se nos depara o típico agradável da região, que se alia ao romantismo inspirado por locais como a Casa de Murillo e o presumível ponto em que se encontra sepultado o notável pintor a que a interessante praça serve de moldura; a casa onde viveu Maria Guerrero, a grande actriz espanhola, etc. Ao típico e ao romântico, junta-se por sua vez o poético, se o passeio for dado em noite agradável. Apreciam-se então os átrios retintamente andaluzes, a que a luz suave dos candeeiros de ferro forjado da maior beleza e pára-se, de quando em vez, ante lampadário simbólico que discretamente alumia uma imagem, em azulejo, de Nossa Senhora da Esperança, «La Macarena», esperança verdadeira dos crentes de Sevilha, a cuja igreja vão também muitos crentes de outras paragens.

E eis-nos no Alcazar, que a um tempo nos evoca um passado remoto e um outro que não vai além de duas décadas. No rés-do-chão, algumas tapeçarias antigas, com motivos históricos a cobrir as paredes onde o estilo árabe menos se nota. Várias e magníficas salas, das quais a dos Embaixadores é o máximo expoente, dão-nos uma ideia do que de belo em arquitectura e decoração os mouros deixaram na sua passagem pela península. No piso superior, residência oficial dos últimos reis de Espanha quando visitavam Sevilha, mobílias, quadros, tapetes, uma infinidade de pequenos e grandes objectos de arte, dão ensejo a que na sua apreciação se passem bons momentos.

Numa próxima carta, que esta já vai longa, transmitiremos mais algumas das impressões colhidas neste passeio à sempre linda rainha da Andaluzia.

A. A. de Sousa

### Notícias do Algarve

Conforme informámos na passada semana, estão à cobrança os recibos referentes à 9.ª série, n.º 81 a 90 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos aos nossos estimados assinantes o seu bom acolhimento.

A falta de pagamento ao cobrador ou nas estações postais, implica a devolução dos recibos e, consequentemente, um agravamento de despesas, que a situação da pequena imprensa não suporta.

Aos assinantes do Ultramar, assim como do Estrangeiro, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Contamos, por isso, com o bom acolhimento de todos.

### Novo assinante

Deu-nos o prazer da sua inscrição, como assinante do nosso jornal, o sr. José Júlio da Silva Dinis Gago, residente nesta vila.

# VENDA DE SUCATA

Na Sede do Instituto Português de Conservas de Peixe, em Lisboa, Avenida de 24 de Julho, 76, aceitam-se, até 31 do corrente, propostas para a compra de sucata existente nas suas Delegações de Olhão e Vila Real de Santo António, nas espécies e quantidades a seguir discriminadas:

### Em Olhão

Chapas de folha-de-flandres . . . . .	19.505 Kgs.
Cantoneiras . . . . .	19.550 »
Arco . . . . .	1.285 »
Madeira . . . . .	13.990 »

### Em Vila Real de Santo António

Chapas de folha-de-flandres . . . . .	7.781 Kgs.
Cantoneiras . . . . .	8.109 »
Arco . . . . .	351 »
Arame . . . . .	827 »
Madeira . . . . .	8.758 »

As propostas, em carta lacrada, deverão trazer, exteriormente, a indicação **COMPRA DE SUCATA**, e as diferentes espécies poderão ser vistas nas localidades indicadas, todos os dias úteis, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

O adjudicatário fica obrigado ao depósito de Esc. 5.000\$00 para a sucata existente em Olhão, e de Esc. 2.000\$00 para a de Vila Real de Santo António, o que será efectuado logo após que seja notificado de que a mercadoria lhe foi adjudicada.

E' fixado para o seu lavantamento o prazo de 8 dias, contados da data da adjudicação, findo o qual, não se tendo ele efectuado, será considerada nula essa adjudicação, sem a obrigatoriedade de restituição das importâncias depositadas.

# O ANACRONISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pintor. Outras contradições poderiam mencionar desse passado anacrónico, mesmo sem recorrer às notas eruditas do austero Alexandre Herculano. O anacronismo vem, como se deduz, de longos séculos, e tanto poetas como historiadores dele abusaram com inveterada persistência.

Todavia, o anacronismo em um Portugal que pretende rejuvenescer e arejar as suas ideias, não faz sentido nem cai bem na alma da gente nova.

Vivo numa cidade que, amparada pelo sopro da sua mocidade e do seu progresso, não se acomoda a mudanças grotescas, a contradição de nomes e a estultas velharias.

Modificar repartições, transferir monumentos ou abrir sepulturas, são trabalhos burocráticos ou municipais que qualquer amantado ou mestre de obras pode realizar, mesmo ultrapassando as verbas que lhe são destinadas. Mas há obras desnecessárias, que absorvem todas as receitas e criam déficits espantosos, verdadeiros abismos financeiros que forçam depois, à laia de jogos malabares, a sacrificar o contribuinte com mais alcavalas, mais contadores e mais empregados...

\*\*\*

As ruas desta cidade nova estão passando por uma transformação radical. Transformação precisa, racional ou patriótica? Nada disso. Trata-se, simplesmente, duma mudança feita de maneira arbitrária, sem laivos de bairrismo nem assomos de inteligência.

Uma dessas mudanças, que mais me feriu os nervos, foi a da «Rua Dr. António Cândido» para «Rua da Igreja». Façamos, pois, um pouco de história pátria.

Quem foi António Cândido, na vida deste velho Portugal? Um padre, lente de Direito em Coimbra, procurador geral da Coroa, deputado, par do reino, ministro da justiça e membro graduado do antigo partido progressista. Foi também um grande orador e parlamentar apreciado.

A sua oratória, requeimadamente helénica, levou o romancista genial, Camilo Castelo Branco, a chamar-lhe a «A'guia do Marão».

Pois o nome dessa «A'guia do Marão», com uma simples ordem municipal, desapareceu da esquina em que há anos honrava esta cidade, para ficar reduzido a «Pardal de Portimão»! Não bastava à igreja matriz o nome de dois bispos nas ruas laterais, para o seu amparo celestial continuar

## A CULTURA E A COLECTIVIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ressava muito mais o tema do que os títulos académicos do conferente. Isto, claro, se o objectivo é transmitir cultura.

\*\*\*

Vistos estes considerandos e precisado o conceito de cultura, é agora a oportunidade de se dizer: Logo que uma Comissão Cultural desiste de fornecer ideias gerais sobre certos problemas, desinteressando-se da formação de mentalidades, e opta por uma cultura de pormenor, aprofundando o saber especializado e as teses discutíveis que deste resultam, atraição a sua missão. E isto, porque a palestra amena, que tinha por dever organizar, não passa de sessão académica, tendente a visar objectivos restritos, colocados fora do alcance da grande massa colectiva.

Neste caso, há um engano de baptismo! Não se trata rigorosamente duma Comissão Cultural!

Exemplos destes, infelizmente, abundam com frequência no seio das nossas colectividades, onde certos indivíduos, desprovidos daquele altruísmo, que torna a pessoa desprezível de vaidades, se julgam predestinados para missões transcendentes que... determinam excessos de megalomania e presunção desmedida.

Exemplos destes, dizíamos, não são virgens. Porém, só proliferam enquanto uma oposição construtivamente lançada lhes não atira em rosto, como sinal de desafio, este trilema que corta o mal pela raiz:

Ou se confessa que existe, de facto, uma enganosa fachada de Comissão, e tudo se encontra de acordo (embora o interesse colectivo fique prejudicado); ou se revelam os campos doutrinais com a competente regularização dos métodos empregados; ou... parte-se do princípio que o silêncio é de ouro e a crítica não pode deixar de se fazer.

Das três, uma!... Este é outro ponto aonde queremos chegar.

J. Silva Carvalho

# DRAGAGEM DA BARRA DO GUADIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

O sr. Desidério de Jesus Rosa, importante produtor e exportador de sal, quando lhe pedimos para nos dizer alguma coisa sobre o estado actual da barra do Guadiana e consequências que daí resultam, diz-nos:

— O que causa justificação admiração é que o assunto ainda não tenha sido resolvido, averiguado e provado, como está, que do assoreamento da barra resultam gravíssimos prejuízos para a navegação, para o nosso comércio exportador e importador, para o natural desenvolvimento do porto, que é, de todos os do Algarve, o que oferece, inegavelmente, melhores condições, e, de uma maneira geral, para a economia de toda esta região.

— Na sua qualidade de exportador, tem sido prejudicado com o estado actual da barra?

— Muitíssimo, como, aliás, sucede com todos os outros exportadores. Navios que, impossibilitados de demandar a barra, retiram sem carregar. Outros que, depois de carregados, vêm-se na contingência de terem que esperar marés propícias, saindo a barra em condições tais, que tiram aos respectivos armadores e comandantes toda a vontade de cá voltarem.

— Não prefere qualquer outro porto da província para as suas exportações?

— Não! E a razão explica-se: em nenhum outro, encontro as condições de segurança e a facilidade em carregar que este oferece. O sal, trazido até ao cais, quer em camionetas, quer

em vagões do caminho de ferro, fica a escassos metros do navio, que carrega nas melhores condições, sem nenhum perigo ou risco para a mercadoria, qualquer que seja o estado do tempo. Noutros portos, com o transbordo para as barcas, a mercadoria encontra-se sujeita a surpresas e perigos de vária ordem, havendo casos, até, em que as barcas têm de regressar, depois de terem descarregado parte da mercadoria... no mar.

— Parece-lhe, então...  
— Que já é tempo de resolver o urgentíssimo problema da dragagem da barra do Guadiana, pois não se compreende, de forma alguma, que as coisas continuem como estão.

\*\*\*

O sr. Francisco dos Santos Franco é um experimentado oficial de marinha, comandante do «Terceirense», excelente e moderníssima unidade da Companhia Insulana de Navegação. Muito amável, prontificou-se a fazer algumas declarações ao nosso jornal, a respeito do actual estado da barra.

— O estado em que se encontra, presentemente, a barra do Guadiana, é deveras lamentável — diz-nos o distinto oficial. — Há cerca de trinta anos que venho a este porto, regularmente. Em média, sete a oito vezes por ano. Por isso, tenho seguido de perto o assoreamento do canal de acesso, assoreamento consideravelmente agravado nos últimos anos, por falta de dragagens convenientes. — Como é óbvio, isso

acarreta prejuízos à navegação. Entre outros...

— ...o tempo que se perde, à espera de maré, para poder entrar no porto. Por vezes, quase um dia inteiro de espera.

— Acha que o nosso porto tem condições aproveitáveis?

— Como nenhum outro do Algarve, desde que o problema da dragagem da barra seja convenientemente resolvido. Aparte essa circunstância, que afecta mais gravemente os navios de maior calado, todas as outras operações são feitas nas melhores condições de comodidade e segurança. O cais é excelente, o serviço de guindastes, muito bom; e o pessoal, de comprovada eficiência.

Já ao portaló, a despedir-se de nós, o comandante Franco acrescenta, com um gesto que abarca todo o estuário magnífico do Guadiana:

— O que os senhores têm aqui é um ótimo porto natural, com que a Natureza vos brindou. Pena é que os homens não dêem um «jeitinho», para aproveitar, o melhor possível, tão generosa dádiva...

\*\*\*

O nosso terceiro entrevistado, o «3.º homem» ou o «homem da rua», como quiserem chamar-lhe, fomos encontrá-lo a uma mesa do «Império», sorvendo uma melancólica «bica», com os olhos perdidos na claridade baça de uma destas tardes pardacentas e húmidas, com que o Inverno nos contempla.

Depois de trocada a meia-dúzia de banalidades do costume, arriscámos, com as cautelas indispensáveis:

— E que se sabe a respeito da dragagem da barra?

O nosso interpelado olhou-nos de soslaio, e, com um sorriso, metade troça, metade desalento, suspirou:

— Com mais um ou dois piqueniques, a coisa vai.

—?...

— Bem, segundo dizem os entendidos, a dragagem está dependente de acordo a fazer com «nuestros hermanos». Para isso, constituíram-se, cá e lá, comissões encarregadas de dar solução ao problema.

Segundo noticiaram os jornais da grande imprensa, as conversações têm de-

## NO 20.º ANIVERSÁRIO da Câmara Corporativa

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

De invulgar brilho se revestiram as palavras do sr. prof. dr. Marcelo Caetano, ilustre presidente da Câmara Corporativa.

Depois de evocar a memória dos antigos procuradores já falecidos e de saudar, num gesto de reconhecimento, os «antigos procuradores ainda felizmente vivos» e os «veteranos» da Câmara, entrou o sr. prof. Marcelo Caetano numa rápida análise do que têm sido os vinte anos de existência da Câmara Corporativa.

Como todas as instituições, ela não poderá ser olhada como realidade apenas do momento presente, mas antes como obra permanente de gerações sucessivas que se debruçam sobre o futuro, no intuito de criar à sociedade de amanhã o ambiente propício ao seu pleno rendimento.

Decorridos vinte anos sobre a criação deste organismo, os espíritos que, num misto de «ansiedade e esperanças», olhavam o seu futuro, poderão hoje, assentes na experiência fecunda que resulta dessa já longa duração, lançar-se na tarefa segura dum melhor aperfeiçoamento de conceitos e duma melhor definição de funções. E assim que, como resultado desse período de experiência já decorrido, a aspiração máxima será a de reconhecer à Câmara Corporativa — como acentuou o seu ilustre presidente — «o largo e importantíssimo papel que lhe compete num Estado Corporativo: a representação dos interesses reais da Nação e o desenvolvimento do espírito de entendimento e colaboração entre classes e entre categorias económicas e profissionais».

A instituição sobrevive, através dos tempos, como «meio de fazer perdurar um pensamento e assegurar a fecundidade de um espírito, para além da fragilidade da vida humana...» E a sua força vem precisamente desta vitalidade, porque as próprias realidades sobre que assenta — o homem, a sociedade e o Estado — obrigam a consolidar e a amparar.

Horácio C. de Almeida

**Tinturaria Portuguesa**  
APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

corrido com a maior cordialidade possível e imaginável.

Ora, de todo este entusiasmo e cordialidade peninsulares, devemos esperar o melhor, que é, como quem diz, a desentupidela da barra. Por mim, sou optimista. A coisa vai. Quando? Não me interessa. E pode até acontecer que a barra, um belo dia, resolva pregar partida, e desentupa sem ajuda...

E o nosso entrevistado, levantando-se e lançando uma moeda no pires, deu por finda a rápida entrevista.

## O MOVIMENTO DO NOSSO PORTO COMERCIAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mos aos nossos prezados leitores uma ideia do considerável movimento do porto de Vila Real de Santo António, durante o ano que findou, dêmo-nos à tarefa de compilar, por tonelagens

e nacionalidades, os elementos numéricos relativos ao movimento de navios mercantes, nacionais e estrangeiros, cujo total apurado foi de 198.261 toneladas de arqueação, discriminadas como segue:

Nacionalidades	Número de navios	Tonelagem
Alemã . . . . .	24 . . . . .	27.715
Britânica . . . . .	10 . . . . .	15.065
Panamenha . . . . .	9 . . . . .	18.081
Italiana . . . . .	11 . . . . .	9.387
Suíça . . . . .	14 . . . . .	7.528
Espanhola . . . . .	22 . . . . .	6.910
Francesa . . . . .	4 . . . . .	4.876
Sueca . . . . .	8 . . . . .	4.535
Holandesa . . . . .	4 . . . . .	1.922
Dinamarquesa . . . . .	1 . . . . .	1.866
Marroquina . . . . .	1 . . . . .	408
Portorriquenha . . . . .	1 . . . . .	370

Tonelagem total dos navios estrangeiros . . . . . 98.658  
» » » » nacionais . . . . . 104.598  
Total . . . . . 198.261

As mercadorias carregadas neste porto, para exportação, eram, nomeadamente: Sal, Figos, Amêndoas, Alfarrôbas, Cortiça, Conservas de Peixe e Minérios. As descarregadas constavam, principalmente, de: Carvão, Folha de Flandres, Arame e Atum fresco.

## PARA A COBERTURA DAS SEARAS



# Nitrato de Cal BASF



### O que é?

Um adubo azotado com 15,5% de Azoto nítrico e elevada percentagem de cal.

### Vantagens:

É o adubo azotado de mais rápida acção sobre a planta, o que o torna precioso como estimulante de culturas tardias ou raquíticas.

Pela cal que contém, melhora a estrutura dos solos, em especial dos argilosos; e fornece às plantas o cálcio de que necessitem.

É granulado, a fim de facilitar o espalhamento. Não tem efeitos secundários nocivos ao terreno.

Normalmente, em cobertura.

### Como se aplica

As pessoas que o espalham devem untar as mãos e os braços com vaselina ou azeite neutro, a fim de evitar irritações de pele.

### OUTROS ADUBOS BASF

**Nitrophoska BASF**

**Nitrato de Amónio Calcário BASF**

**Ureia BASF**

Importadores-Distribuidores exclusivos para Portugal

**ORGANICA - Anilinas e Produtos Químicos, Lda.**

Rua da Madalena, 97-2.º LISBOA Telefone 28208

A venda no Algarve:

**PORTIMÃO**

**Manuel Ruivo dos Reis**

Rua de S. Pedro

e nos

**Grémios de Lavoura**